



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

Rua Cícero Eduardo S/N – Bairro Junco – 64.600-000 – Picos –PI.
Fone (89) 3422-1087 – Fax (89) 3422-1043



**Incubadoras de Empresas como Instrumentos de Aprendizagem Prática:
Um Estudo Sobre a INEAGRO**

**Business Incubators as Tools of Learning Practice:
A Study on the INEAGRO**

Fábio de Sousa Severiano

Bacharelado em Administração
fabioseveriano_1906@hotmail.com
UFPI

Samara Sousa Luz

Bacharelado em Administração
samaraluz_2011@hotmail.com
UFPI

Kary Emanuelle Coimbra

Mestre em Administração
kary.kk@hotmail.com
UFPI



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO
Rua Cícero Eduardo S/N – Bairro Junco – 64.600-000 – Picos – PI.
Fone (89) 3422-1087 – Fax (89) 3422-1043



PARECER DA COMISSÃO EXAMINADORA
DE DEFESA DE ARTIGO CIENTÍFICO DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

FÁBIO DE SOUSA SEVERIANO
SAMARA SOUSA LUZ

Incubadoras de Empresas como Instrumentos de Aprendizagem Prática: Um
Estudo Sobre a INEAGRO

A comissão examinadora, composta pelos professores abaixo, sob a
presidência da primeira, considera a discente como:

Aprovado(a)

Aprovado(a) com restrições

Observações: a nota está condicionada a entrega do TCC final com todas as
alterações sugerida pela banca nos prazos previamente estabelecidos.

Picos (PI), 06 de agosto de 2014.

Kary Emanuelle Reis Coimbra

Kary Emanuelle Reis Coimbra, Msc.

Marciel Lopes Lima

Marciel Lopes Lima, Esp.

Liliane Araújo Pinto

Liliane Araújo Pinto, Msc.

RESUMO

A conexão entre teoria e prática é essencial para o aprendizado e importante em todas as áreas do ensino. Portanto, um dos desafios do ensino superior é oferecer uma formação que possa capacitar os estudantes para a aplicação dos conhecimentos teóricos na vivência prática do cotidiano profissional. Em sintonia com essa visão, o presente trabalho busca analisar, através de um estudo qualitativo e utilizando a análise de conteúdo, como as incubadoras de empresas contribuem com o processo de aprendizagem dos alunos, servindo de instrumento para que os mesmos pratiquem e vivenciem a teoria aprendida em sala de aula. Por meio de entrevistas com estudantes, fundador da Incubadora de Empresas do Agronegócio (INEAGRO) e sócios das empresas incubadas e graduadas será buscado coletar, identificar, avaliar, discutir e analisar informações que levem ao objetivo da pesquisa. No processo de ensino oferecido pelas universidades, os enfoques teóricos ainda são predominantes, mas embora essenciais, devem ser complementados por outras abordagens que permitam o aluno praticar as teorias. Portanto, este estudo reforça a importância da inclusão de novas metodologias e ferramentas de ensino para uma melhor preparação dos alunos para o mercado de trabalho, destacando as incubadoras de empresas como instrumentos que possibilitam a aplicação da teoria na vivência prática.

Palavras-chave: Incubadoras de empresas; alunos; aprendizagem; prática.

ABSTRACT

The connection between theory and practice is essential to learning is important in all areas of education. Therefore, one of the challenges of higher education is to provide training that can enable students to apply theoretical knowledge in a practical professional experiences of everyday life. In line with this view, this paper seeks to examine, through a qualitative study, using content analysis, such as business incubators contribute to the learning process of the students, serving as a tool for them to experience and practice the theory learned in the classroom. Through interviews with students, founder of the Business Incubator for Agribusiness (INEAGRO) and members of the incubated companies and graduates will be sought to collect, identify, assess, discuss and analyze information leading to the research objective. In the teaching process offered by universities, theoretical approaches are still prevalent, but although essential, should be complemented by other approaches that allow the student to practice the theories. Therefore, this study reinforces the importance of the inclusion of new teaching methodologies and tools to better prepare students for the job market, and highlights business incubators as a tool that enables the application of theory in practical experience.

Keywords: Business incubators; students; learning; practice.

1. INTRODUÇÃO

Um dos desafios do ensino superior é oferecer uma formação que possa capacitar os estudantes para a aplicação dos conhecimentos teóricos na vivência prática do cotidiano profissional. No processo de ensino oferecido pelas universidades, diferentes métodos são utilizados, onde prevalecem os enfoques teóricos que, embora essenciais, devem ser complementados por outras abordagens que permitam o aluno aprender e utilizar na prática os conhecimentos adquiridos na teoria. Sendo assim, o papel da educação superior é fazer da falsa dicotomia existente entre teoria e prática um objeto de reflexão e discussão e, assim, proporcionar aos alunos métodos adequados que facilitem o aprendizado diante das demandas contemporâneas, visto que o “conhecimento avança através da teoria e da observação resultante da prática, que juntas se completam” (MARCELINO, 1996, p.68).

Não é intensão deste trabalho dizer que a prática é mais importante que a teoria, pelo contrário, o que está sendo posto em consideração é a necessária e indissociável relação entre teoria e prática na formação acadêmica, ou seja, a sinergia que há entre esses dois fatores, visto que nenhum é autossuficiente em relação ao outro.

A preocupação com a prática pode se tornar um mal entendido quando se antagoniza com a teoria, ou seja, quando a primeira é vista como prioridade, relegando à segunda um caráter de ‘mal necessário’ (SERAFIM, 2011). Tomando isso como certo, está considerando que uma é mais relevante que a outra, consideração essa apenas possível se dicotomizarmos a teoria da prática, onde, uma parece ter vida própria em relação à outra, adquirindo status diferenciado e independência. Contudo, essa dicotomização faz com que a teoria sem a prática vira ‘verbalismo’ e a prática sem teoria vire ativismo. Nesse sentido, quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade (PAULO FREIRE, 2007).

O ensino superior brasileiro, inclusive no estado do Piauí, possui características de aulas expositivas como principal - e, às vezes, única - forma de ensino para os alunos. Porém, devido à necessidade de preparar melhor os profissionais para o mercado de trabalho, buscam-se novos métodos de aprendizagem, pois o mercado demanda cada vez mais profissionais que dominam tanto a teoria quanto a capacidade de produção de conhecimento (questionamento das teorias, enfrentamento de problemas e criação de soluções) através de experiências práticas. Um desses métodos contributivos de aprendizagem é a vivência prática como forma de aquisição de conhecimento, que permite ao aluno um contato direto com o mercado, onde poderá conhecê-lo e aplicar os conhecimentos adquiridos nos livros e discutidos nas aulas.

No intuito de verificar a importância de métodos contributivos da aprendizagem para uma melhor preparação dos estudantes de instituições de ensino superior, nesta pesquisa destacamos as incubadoras de empresas como importantes instrumentos de aprendizagem no ambiente universitário. As incubadoras de empresas, principalmente as ligadas às instituições de ensino, são ambientes que servem de conexão entre as dimensões científica e empresarial. Tais instrumentos, ao conectar estes dois ambientes, promovem a interação universidade/empresa e atuam como intercâmbio de conhecimentos e tecnologias.

As incubadoras universitárias de empresas têm como objetivo abrigar empresas inovadoras frutos de projetos de pesquisa e desenvolvimento científico e tecnológico. Esse ambiente interativo permite ao aluno ter a compreensão da realidade das organizações e desenvolver também o seu lado empreendedor.

No Piauí, temos cursos superiores que seguem a mesma estrutura, de predominância de aulas expositivas, citada anteriormente. Portanto, a necessidade de implantação de metodologias que enriqueçam a forma de aprendizagem dos alunos se faz necessária e será posta em questão neste trabalho. Uma dessas metodologias seria a criação de incubadoras de

empresas onde os alunos pudessem aprender na prática as atividades que os esperam no mercado de trabalho. Vale ressaltar que nos campi do interior do Piauí as incubadoras não são presentes nem difundidas quanto merecem, embora enriquecedoras tanto para a instituição e alunos quanto para o mercado local.

Diante desse contexto, questionamos: **de que forma a Incubadora de Empresas do Agronegócio (INEAGRO) contribui para o processo de aprendizagem dos alunos da UFPI – Campus Ministro Petrônio Portela?** Para chegar às respostas deste problema, partimos dos seguintes objetivos:

- Identificar e analisar o histórico da INEAGRO;
- Analisar a percepção dos alunos sobre as atividades exercidas na INEAGRO e identificar as características e habilidades desenvolvidas;
- Analisar a percepção dos sócios das empresas incubadas e graduadas sobre as atividades dos alunos no processo de incubação na INEAGRO; e
- Analisar as incubadoras como instrumentos de aprendizagem prática.

2. ESTRUTURA E METODOLOGIA ATUALMENTE PREDOMINANTE DO ENSINO SUPERIOR DO BRASIL

Atualmente, os cursos superiores são estruturados e regulamentados pelo Ministério da Educação - MEC onde o mesmo determina um currículo mínimo no qual, nos primeiros períodos, são lecionadas as disciplinas básicas, intercaladas com as disciplinas eletivas (NICOLINI, 2003). Após esse período, o aluno conclui a graduação com o estágio supervisionado.

Em 2004, o Conselho Nacional de Educação (CNE) complementou as normas regulamentadoras sugerindo um conjunto de habilidades e competências necessárias à formação de cada profissão (LOMBARDI; NODARI, 2008). No entanto, apesar de se esperar que o aluno adquira estas competências e habilidades, nota-se uma dificuldade na aplicação de técnicas pedagógicas que promovam, no aluno, a qualificação exigida. Segundo Closs, Aramburu, Antunes (2009), os graduandos acabam por adquirir estas capacidades somente durante o seu exercício profissional, quando já estão inseridos no mercado, visto que as atividades práticas, em muitos casos, são carentes ou apresentam dificuldades na aplicação durante o curso e o aluno só tem contato direto com o ambiente profissional com o estágio supervisionado, alocado no final da formação que na maioria das vezes não é bem explorado.

Os alunos formados sob a ótica do ensino tradicional, o qual enfatiza a aprendizagem das teorias de forma expositiva não são capacitados a desenvolverem a criatividade e a crítica, são treinados para receber, aceitar e memorizar o conteúdo ministrado (CLOSS; ARAMBURU; ANTUNES, 2009).

O ensino tradicionalista, baseado somente na transmissão de conhecimentos pelos professores, onde o aluno é passivo perante o processo de aprendizagem, não desenvolve alunos com as habilidades exigidas pelo mercado, ao mesmo tempo em que, não forma profissionais com coragem para correr riscos e habilidades para resolver novos problemas (COTO; NETO; PACHECO, 2009).

Nicolini (2003) acredita que hoje os cursos superiores estão estruturados como “fábricas”, isso pela falta de originalidade de suas propostas político-pedagógicas e engessamento de seus currículos. Nesse sentido, as graduações quase não têm espaço para a produção científica ou experiências práticas, onde o ensino serve tão somente para a produção em massa de bacharéis. Fica claro que esta lógica mecanicista, presente atualmente na maioria dos cursos, em âmbito nacional, não condiz com a demanda atual do mercado de trabalho em que “as exigências de capacitação dos profissionais em um contexto de intensificação da

imprevisibilidade, da mudança e do conhecimento” não estão sendo atendidas (SILVA; DAVEL, 2005, p. 114).

Atualmente, o mercado demanda profissionais com capacidade de serem ágeis e de empreender, criativos e inovadores. No entanto, nota-se uma carência por parte das universidades em desenvolver estas habilidades nos alunos. Bono (2000) acredita que para ser capaz de inovar, o estudante deve ser preparado para desenvolver um pensamento construtivo, baseado em experiências e discussões da realidade.

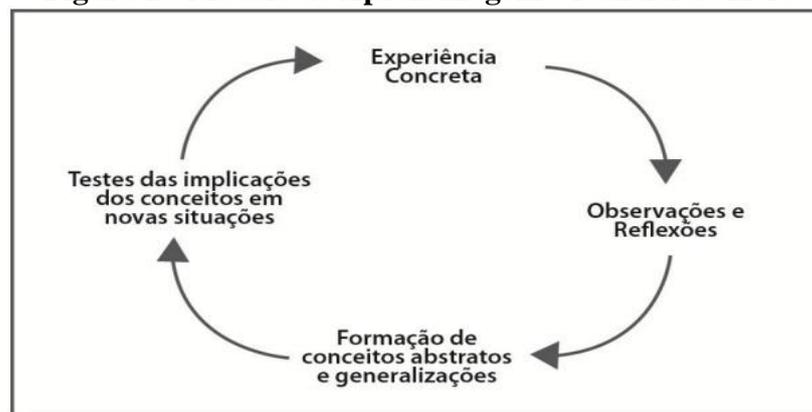
Por isto, Borba, Silveira, Faggion (2005) afirmam que há urgência na reavaliação dos métodos de ensino-aprendizagem aplicados, hoje, em grande parte dos cursos de graduação do Brasil. Segundo os autores, novas abordagens e experiências se fazem necessárias no campo da educação superior, já que, a estrutura atual de ensino coloca os graduandos como memorizadores do conhecimento, não atendendo, portanto, as exigências do mercado de trabalho.

2.1 A necessária relação entre teoria e prática na formação acadêmica

Essa interação entre a teoria e a prática, foco principal deste estudo, é discutida por diversos autores, sempre na perspectiva de que uma completa a outra. Santos (2004) afirma que não há teoria separada da prática ou prática sem teoria associada. Almeida, Lagemann e Sousa (2006) destacam o aprendizado como consequência do contato que deve haver entre conceitos e experiências, que proporcionam reflexões que estimulam o desenvolvimento do aluno. Neste panorama, Feitosa e Franco (2006) acreditam que a comunidade acadêmica, cada vez mais, se preocupa em articular a teoria com a prática, buscando reduzir a distância entre o que é ensinado e o que acontece na prática.

O psicólogo americano David Kolb desenvolveu um modelo de como as pessoas aprendem, chamado Modelo de Aprendizagem Vivencial. Este modelo enfatiza o papel das experiências práticas no aprendizado (David Kolb, 1997 apud FIALA, 2012)

Figura 1 - Modelo de Aprendizagem Vivencial de Kolb



Fonte: Kolb (1997) apud Fiala (2012)

No modelo proposto por Kolb, percebe-se que a aprendizagem ocorre de maneira cíclica e, para que ela seja efetiva é necessário que haja experiências concretas, ou seja, o aprendizado efetivo não ocorre, sem que a pessoa vivencie a experiência. Dessa forma, pode-se dizer que o aprendizado na universidade também deve ter uma etapa que permita ao aluno experimentar situações que lhe façam aprender, onde a teoria tem que ser aplicada em situações práticas para que o desenvolvimento de habilidades e a aprendizagem seja efetiva.

Segundo Lopes (2010), a aprendizagem se torna eficaz quando a educação enfatiza também o uso de metodologias de ensino nas quais o aluno aprende fazendo (*learn by doing*).

Em meio a essas experiências, o aluno defronta-se com eventos críticos que o forçam a pensar de maneira diferente, buscando saídas e alternativas, ou seja, aprendendo com a experiência.

Pode-se perceber que a teoria e a prática devem se complementar na formação do profissional, independente da sua área de formação. Dessa forma, Almeida, Lagemann e Sousa (2006) afirmam que os estudantes não devem ser formados somente em sala de aula, pois essa garante apenas o contato inicial com os conhecimentos, o que é insuficiente.

A efetiva interação entre os conhecimentos disciplinares e os campos de atuação profissional é constantemente questionada no universo acadêmico como um sério problema a ser superado nos cursos de formação superior. Prática e teoria são conceitos distintos, mas que precisam ser pensados de maneira indissociável, visando uma práxis transformadora Hunger e Lepre (2012). Partindo desse pressuposto, torna-se necessário pensar na conexão do conhecimento científico às experiências práticas desde o início da formação. No entanto, o contato direto dos alunos com o mercado ocorre geralmente nos últimos anos de graduação e por intermédio da realização dos estágios curriculares, sendo este, muitas vezes, a única maneira utilizada em que o aluno pode vivenciar a realidade do mercado e analisar os conteúdos teóricos apreendidos em sala de aula verificando a eficácia dos mesmos na prática profissional. O agravante maior é o fato de muitas vezes os alunos, enquanto estagiários, não poderem exercer funções compatíveis com a sua área de formação, servindo como "tampa buracos" nos ambientes onde estão estagiando. Esse fato deve-se, talvez, por o estágio curricular ainda não ser devidamente explorado.

Silva Júnior (2006, p 26.) afirma que a estrutura tradicionalista do ensino:

“propicia o surgimento de profissionais despreparados e ineficientes quanto aos necessários meios de atuações contextuais (ações procedimentais). Em vista de que na realidade, seria mais propicio uma graduação paralela à realidade prática-profissional; que de fato, auxiliassem os acadêmicos na aquisição das oriundas experiências procedimentais; a exemplo do que ocorre em diferentes Cursos Superiores (Medicina, Advocacia, entre outros), que possuem acesso constante à realidade prática por meio de Hospitais Escolas e departamentos especializados”.

Dessa forma Segundo Closs, Aramburu , Antunes (2009), os formandos acabam por adquirir as capacidades necessárias durante o desenvolvimento de sua carreira profissional, visto que a oferta de atividades práticas é carente, em grande parte dos cursos superiores, e o estágio muitas vezes não é bem explorado.

Quando olhamos a teoria e a prática de forma indissociada, a teoria não se torna verbalismo nem a prática automatismo. Dessa forma, no entender de Paulo Freire (2007), a teoria implica numa inserção na realidade, num contato analítico com o existente, para comprová-lo, para vivê-lo e vivê-lo plenamente, praticamente. Paulo Freire rebate a afirmação de que o pecado de nossa educação é ser "teórica" dizendo que "nossa educação não é teórica porque lhe falta esse gosto da comprovação, da invenção, da pesquisa, do gosto pela prática. Ela é verbosa. Palavresca." Palavresca no sentido que lhe atribuímos quando a teoria se pretende autossuficiente.

O papel do ensino superior deve estar alinhado com o novo conceito de educação, que torna o aluno ativo no processo de aprendizagem, colocando-o em contato com experiências reais. Cabe, portanto, a educação superior ajudar o aluno no saber pensar e agir, para que esse possa obter o conjunto de habilidades e competências necessárias para desempenhar adequadamente uma profissão. Isto porque, por mais que o aluno possua os conhecimentos referentes aos assuntos estudados, as situações da vida real exigirão compreensão e construção de novos conhecimentos, a partir do fato concreto a ser tratado. Dessa forma, não basta exigir a memorização e conhecimento de conteúdos, mas cabe destacar que isso constitui a base para as etapas seguintes.

3. INCUBADORAS DE EMPRESAS COMO INSTRUMENTO DE APRENDIZAGEM PRÁTICA

A habilidade de desenvolver competências e preparar milhares de alunos para as atividades profissionais a serem executadas após a conclusão do curso superior sempre foi um dos objetivos das universidades, e segundo Klein e Souza (2011) a necessária e indissociável relação entre teoria e prática na formação acadêmica, sobretudo nos cursos de graduação, vem sendo objeto de reflexão e discussões. Na busca por novas metodologias e ferramentas de ensino que cumpram o papel de unir de forma mais sólida as teorias apreendidas nos bancos universitários com as atividades exercidas no mundo empresarial globalizado e carente de profissionais bem qualificados, as incubadoras de empresas surgem como um instrumento que deveria ser explorado com mais intensidade para este fim. Segundo Lavieri (2010), as incubadoras são ambientes ricos de trocas de conhecimentos, paralelos às salas de aula, onde ocorrem experiências enriquecedoras à educação empreendedora.

Na busca por contemplar o ensino da teoria com a prática, Franco e Feitosa (2006) destacam que podem ser usadas diferentes alternativas de metodologias, permitindo ao estudante ser inserido em um ambiente que lhe proporcione o conhecimento da realidade do mercado e a associação dessa realidade com o aprendizado da sala de aula. Podem ser citados, como exemplos, jogos de empresa, estágios curriculares, consultorias juniores, visitas de campo, estudos de caso, pesquisas científicas e programas de extensão. Assim tomamos como foco deste trabalho as incubadoras de empresas, como instrumento de aprendizagem prática, para ser estudado mais a fundo, visto tamanha riqueza e abrangência desse método prático. Dessa forma, Kolb; McIntyre e Rubin (1978) ressaltam que a aprendizagem não deve ser confundida com a capacidade de adquirir e recordar conceitos expostos em sala de aula, mas também, como um processo gerado a partir de experiências, levando à formulação de princípios, conceito e regras que moldarão o comportamento dos alunos, a fim de capacitá-los para resolver os problemas oferecidos por cada situação distinta. Gramigna (2007, p. 12) afirma que a “melhor forma de aprendizagem é a vivencial”, e as incubadoras de empresas permitem isso aos alunos.

Incubadoras de empresas não são fenômenos recentes. A primeira ideia sobre o tema surgiu na Universidade de Stanford, em 1938, sendo, posteriormente, adotada pela Europa. No Brasil, em meados da década de 1970, na cidade de Campinas, a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) começou o primeiro experimento, nos moldes dos parques tecnológicos americanos, com a criação da Companhia de Desenvolvimento Tecnológico – CODETEC (Biagio, 2006). No Brasil, a incubação de empresas, deixou de ser um fenômeno isolado, materializando-se em 384 incubadoras em operação, que abrigam 2.640 empresas, gerando 16.394 postos de trabalho (panorama ANPROTEC 2006).

A Associação Nacional de Entidades Promotoras de empreendimentos inovadores (ANPROTEC) define incubadora de empresas da seguinte forma:

Incubadoras de empresas são entidades promotoras de empreendimentos inovadores. A incubadora de empresas tem por objetivo oferecer suporte a empreendedores para que eles possam desenvolver ideias inovadoras e transformá-las em empreendimentos de sucesso. Para isso, oferece infraestrutura e suporte gerencial, orientando os empreendedores quanto à gestão do negócio e sua competitividade, entre outras questões essenciais ao desenvolvimento de uma empresa (ANPROTEC, 2014).

Uma incubadora de empresas é uma ferramenta que estimula a criação e o desenvolvimento de micro e pequenas empresas (industriais, de prestação de serviços, de base

tecnológica ou de manufaturas leves), além de configurar-se como um laboratório de aprendizado para os alunos.

Mediante os mais variados conceitos e aplicações, as incubadoras vêm se tornando de fundamental importância para consolidação de micro e pequenas empresas no mercado. No entanto, a incubação vem sendo utilizada também para atender à transferência de conhecimento produzido na universidade - e ou centros tecnológicos e de pesquisa - para a empresa; da empresa para a instituição de pesquisa; para aumentar o nível tecnológico das empresas e o desenvolvimento de clusters (ANPROTEC).

Nesse contexto, as incubadoras de empresa têm importante papel, que pode ter uma contribuição fundamental da educação a partir do momento que se estimula e se cria um ambiente e uma cultura de empreendedorismo e inovação no sistema educacional do país.

Muito se fala na importância das incubadoras para os empreendedores, mas pouco se fala dessa importância para os alunos envolvidos no processo de incubação. Para Etzkowitz (2002), a incubadora é um exemplo do modelo de hélice tríplice de relações universidade - empresa - governo, sendo consideradas como organizações híbridas, que internalizam o relacionamento entre as três esferas, estimulando e criando um espaço de interação, permitindo, dessa forma uma aproximação do aluno com o ambiente real das empresas, exercendo funções correspondentes a sua área de formação.

Para Fiala (2012) as incubadoras representam um instrumento vantajoso para a aprendizagem e desenvolvimento de competências dos alunos.

As incubadoras de empresas tratam-se de um ambiente onde a liberdade e a diversidade levam a um aprendizado na prática, que permite ao estudante assumir responsabilidades, ter autonomia para tomar decisões e aprender com isso; desenvolver as habilidades de comunicação e fazer nascer ou crescer ainda mais a intenção de empreender. Um ambiente no qual o aprendizado ocorre a partir da percepção das próprias fraquezas e limitações, e busca-se minimizá-las ao máximo; onde o contato com empresas, áreas e pessoas tão diferentes traz o aprendizado (FIALA, 2012, p. 13).

Além de oferecer uma aproximação do aluno com a realidade, a incubadora também desperta no aluno o seu lado empreendedor, que muitos não sabem que possuem e na incubadora enxergam a possibilidade de desenvolver a sua ideia e abrir o seu negócio com todo o apoio oferecido por essa ferramenta.

Kirby (2004) refere-se às incubadoras como laboratórios de aprendizagem que torna possível a transferência dos conhecimentos das salas de aula para a incubadora, é possível completar o ciclo de aprendizagem vivencial de Kolb e mover-se a partir das observações e reflexões realizadas em sala de aula, através da formação de conceitos abstratos e generalizações, à incubadora, onde o aluno pode testar as implicações dos conceitos em situações novas, e adquirir experiência concreta.

Segundo Fiala (2012) muitos estudos foram realizados associando a incubadora ao empreendedorismo (BECKER ET AL., 2006; GALLON ET AL., 2008; CARMO; NASSIF, 2005; BEUREN; RAUPP, 2003; SANTOS; ALVES, 2009). Estes estudos têm a incubadora como estimuladoras e facilitadoras do empreendedorismo que abrange todos os cursos de uma universidade, não somente os voltados aos negócios. Esses estudos exploram a questão das características e competências empreendedoras desenvolvidas nas incubadoras, seja por alunos, professores ou empresários.

O Sebrae (2002) caracterizam incubadoras de empresas em três vertentes:

- Agente nuclear do processo de geração e consolidação de micro e pequenas empresas;

- Mecanismo que estimula a criação e o desenvolvimento de micro e pequenas empresas industriais ou de prestação de serviços, empresas de base tecnológica ou de manufatura leves, por meio da formação complementar do empreendedor em seus aspectos técnicos e gerenciais; e,

- Agente facilitador do processo de empresariamento e inovação tecnológica para micro e pequenas empresas.

De acordo com um estudo realizado pela ANPROTEC em parceria com o Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) em 2011, o Brasil tinha 384 incubadoras em operação, que abrigam 2.640 empresas, gerando 16.394 postos de trabalho. Essas incubadoras também já graduaram 2.509 empreendimentos, que hoje faturam R\$ 4,1 bilhões e empregam 29.205 pessoas. O mesmo estudo revelou outro dado importante: 98% das empresas incubadas inovam, em produtos e/ou serviços, sendo que 28% com foco no âmbito local, 55% no nacional e 15% no mundial.

As incubadoras de empresas possuem um papel importante para o desenvolvimento de competências e para o sucesso das organizações, visto que a taxa de sucesso das empresas apoiadas por incubadoras e parques tecnológicos é de 80%, com índice de mortalidade de 20%, segundo dados do Sebrae. Lichtenstein & Lyons (1996) identificam nas incubadoras um importante catalisador do processo empreendedor, sendo essencial para a consolidação das empresas no mercado e isso configura-se como ambiente chave para o aprendizado do alunos, pois eles vivenciarão essa realidade e se prepararão para o mercado que os esperam após o término do curso.

4. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Tomando-se por base a taxionomia proposta por Vergara (2000), pode-se classificar esta pesquisa como exploratória e descritiva, quanto aos fins, e como pesquisa bibliográfica e de campo, quanto aos meios. É exploratória, pois visa construir uma compreensão inicial sobre os aspectos das incubadoras de empresas, em termos de sua relevância na formação dos alunos da UFPI. É descritiva, pois busca descrever de que forma as atividades das incubadoras são aplicadas aos alunos, como estes avaliam esse instrumento metodológico sendo uma forma de ensino e como as diferentes variáveis que o compõem se inter-relacionam no processo de aprendizagem teórico-prático. Ainda quanto aos fins, segundo Martins e Theóphilo (2007), a pesquisa caracteriza-se como de avaliação, pois busca avaliar as incubadoras em seus contextos reais e verificar a importâncias destas para o desenvolvimento dos alunos.

Para a realização deste estudo optamos por fazer uso da abordagem qualitativa, tendo em vista que ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores, significados e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001).

Para a coleta de dados, foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, que visaram obter o máximo de informações sobre os tópicos abordados na pesquisa, através de relatos orais dos entrevistados. A opção pela realização de entrevistas foi feita por acreditarmos que esta forma era a que mais se adequava ao estudo proposto, e a que traria resultados mais ricos e detalhados. Os entrevistados foram um dos fundadores da INEAGRO, os sócios das empresas incubadas e graduadas e os alunos dos cursos de Administração, Comunicação social, Engenharia Agrônômica, Ciência da Computação envolvidos no processo de incubação, correspondendo um total de 10 (dez) entrevistados. Os mesmos serão identificados no trabalho de forma a não terem os nomes citados.

Além das entrevistas, foi feita uma observação por parte dos entrevistadores, onde os mesmos, durante o período de três dias, ficaram dentro da incubadora presenciando suas atividades rotineiras e anotando o que seria importante para a pesquisa.

A análise dos dados obtidos nas entrevistas foi realizada através da técnica da análise de conteúdo. Para Bardin (2010), análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise que visa obter, através de procedimentos sistemáticos, indicadores – quantitativos ou não – que permitam a inferência de conhecimentos através das mensagens (neste caso, as entrevistas).

5. ANÁLISE DE RESULTADOS

As incubadoras vêm mostrando ser uma ferramenta muito importante para troca de conhecimentos entre as empresas incubadas e entre estas e universidades. No entanto, quando se fala da importância das incubadoras para o mundo acadêmico, poucos estudos estão voltados para essa ferramenta como auxílio na aprendizagem dos alunos. Figueiredo (2011) ressalta que as incubadoras representam importantes laboratórios de aprendizagem prática e de intercâmbio de conhecimentos que precisam ser explorados com mais eficiência pelas universidades para a boa formação dos alunos e preparo destes para o mercado de trabalho.

Neste capítulo iremos apresentar as informações que obtivemos por meio da pesquisa de campo realizada com alunos bolsistas, um dos fundadores da INEAGRO (atual pró-reitor de extensão) e os sócios das empresas incubadas e graduadas na INEAGRO. Através de uma entrevista semiestruturada, objetivou-se conhecer a importância de uma incubadora em um ambiente universitário, a história e os objetivos da INEAGRO e quais os valores agregados pelos alunos na referida incubadora, além da forma como a incubadora contribui para a aprendizagem desses alunos.

5.1 Idealização da INEAGRO e os motivos que levaram ao seu surgimento

No primeiro momento da entrevista com um dos fundadores da Incubadora de Empresas do Agronegócio Piauiense – INEAGRO, o pró-reitor de extensão, buscamos informações sobre a idealização que levou a instalação dessa incubadora na UFPI. O entrevistado nos relatou que a ideia de uma incubadora na UFPI partiu inicialmente do SEBRAE, que em conversa com o vice-reitor mostrou-lhe todas as vantagens de uma incubadora em um ambiente universitário. No entanto essa ideia ficou por um tempo adormecida, vindo a despertar quando o vice-reitor percebeu que o Brasil surgia como exportador de produtos, principalmente do agronegócio, e decidiu fazer uma reunião convidando interessados em levar a ideia da incubadora a diante, pois, segundo ele, uma incubadora instalada na UFPI representaria uma importante troca de conhecimentos entre os envolvidos com a incubadora.

Nessa reunião a ideia ganhou vários adeptos e em meio a uma discussão perceberam que uma incubadora seria uma porta de mão dupla onde seria dado apoio a empresários empreendedores, para a criação de empresas e desenvolvimento de ideias e pesquisas de produtos ou serviços inovadores ao mesmo tempo em que os professores e acadêmicos poderiam fazer parte desse processo havendo uma troca de conhecimentos, ou até mesmo ser um desses empreendedores. Perceberam também o fortalecimento que uma incubadora levaria ao nome da universidade.

Após essa reunião de apresentação da ideia, houve um ano de reuniões entre representantes da UFPI, EMBRAPA, SEBRAE dentre outras instituições para criar o estudo de viabilidade técnica da instalação de uma incubadora na UFPI. O estudo foi feito, discussões foram feitas, e juntamente a essa proposta juntou-se professores doutores

interessados no projeto, além dos órgãos que foram citados anteriormente, e em 2003 a INEAGRO foi inaugurada, representando um importante instrumento de desenvolvimento local e de troca de conhecimentos.

A INEAGRO tem como instituição gestora a UFPI com parceria científico-cultural, financeira e econômica do SEBRAE/PI, EMBRAPA e FADEX. Podemos perceber que o SEBRAE, além de ter sido o responsável por levar a ideia de instalação de uma incubadora na UFPI, foi o responsável por mostrar pela primeira vez as vantagens desse mecanismo, e apoia a incubadora até hoje. Foi percebido também que desde antes a sua instalação, a INEAGRO foi idealizada com a visão, também, de beneficiar os alunos, e dessa forma a aprendizagem.

Outro fato relatado foi o apoio que a ideia recebeu dos professores e importantes órgãos, e que antes de inaugurada, foi muito bem discutida.

(Fragmento 1) Desde a sua criação, já foram incubadas 16 empresas, onde, atualmente, 5 estão incubadas e 10 já graduaram.[...] havia alunos participando das atividades dessas empresas, dando ideias, executando tarefas e aplicando os conhecimentos de sua área de formação, inclusive alguns desses empresários eram alunos da UFPI[...] Há empresas que ganharam reconhecimento nacional e até mesmo internacional. Todas elas desenvolvidas na INEAGRO e no laboratório da UFPI e possuidoras do “selo” INEAGRO, UFPI, EMBRAPA e SEBRAE o que garante credibilidade para o mercado. (PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO).

De acordo com o fragmento 1, o pró-reitor de extensão explica que 16 empresas já foram incubadas na INEAGRO desde a sua inauguração, desse número 10 já graduaram e 5 ainda estão incubadas. Das empresas desenvolvidas na INEAGRO algumas delas ganharam reconhecimento nacional e internacional, e a oportunidade que os alunos tiveram de fazer parte da história dessas empresas se configura como uma experiência enriquecedora.

Quando o entrevistado falou do “selo” INEAGRO, UFPI, EMBRAPA e SEBRAE, referiu-se ao fato de produtos desenvolvidos com o apoio dessas instituições agregar valor e maior credibilidade no mercado, e isso é bom. É bom tanto para a empresa que terá o seu produto ou serviço reconhecido, para a universidade que terá um produto inovador desenvolvido em seu laboratório e para os alunos que ajudaram no desenvolvimento e fortalecimento das empresas como foi citado no fragmento 7 (sete).

Quando perguntamos sobre os objetivos da INEAGRO o entrevistado respondeu que o objetivo da incubadora é explorar e fortalecer os recursos existentes e incentivar a troca de conhecimentos e experiências.

(Fragmento 2) O objetivo da incubadora é explorar e potencializar os recursos existentes, e incentivar a sinergia entre as esferas, havendo intercâmbio de conhecimentos e experiências. (PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO).

Entendemos que as trocas de conhecimentos citadas pelo entrevistado, referiam-se a empreendedores e universidade, incluindo alunos. Ficou claro que o objetivo da incubadora é propiciar mais conhecimentos aos alunos e fazer com que eles amadureçam profissionalmente, fazendo com que eles visualizem todas as etapas do nascimento de uma empresa e que firme um elo com todos os envolvidos no processo; apoiar empresários; gerar pesquisas e envolvimento dos alunos e professores nas atividades da incubadora. Portanto, o objetivo é incentivar a sinergia entre os envolvidos, havendo intercâmbio de conhecimentos e potencialização de recursos existentes.

(Fragmento 3) O motivo que levou ao surgimento da INEAGRO foi a oportunidade que esse mecanismo de apoio oferece de conectar os vários fatores importantes para o desenvolvimento de uma região, que são as oportunidades e facilidades para a

abertura de empresas inovadoras, o incentivo ao desenvolvimento de pesquisas com apoio técnico-laboratorial da universidade, a participação dos alunos no processo de incubação das empresas, implantação de projetos entre professores e incubadora, a geração de emprego e renda, geração de royalties para a universidade reinvestir e principalmente a interação entre empresários, comunidade acadêmica, mercado e governo, com o apoio de entidades como o SEBRAE e EMBRAPA. (PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO).

A oportunidade que uma incubadora de empresas oferece para conectar vários fatores importantes no desenvolvimento de uma região foi o motivo que levou ao seu surgimento. A idealização da INEAGRO foi baseada nesse pressuposto. Alguns desses fatores relatados pelo entrevistado foram: as oportunidades e facilidades para a abertura de empresas inovadoras, o incentivo ao desenvolvimento de pesquisas com apoio técnico-laboratorial da universidade, a participação dos alunos no processo de incubação das empresas, implantação de projetos entre professores e incubadora, a geração de emprego e renda, geração de royalties para a universidade reinvestir em seus programas ou na própria incubadora. A junção desses fatores é muito importante, pois é capaz de melhorar o desenvolvimento de uma região e o nível do ensino oferecido pela universidade.

Mais uma vez o entrevistado citou a interação que a incubadora proporciona, mas dessa vez entre empresários, comunidade acadêmica, mercado e governo, com o apoio de entidades como o SEBRAE e EMBRAPA. Essa interação é muito vantajosa, pois gera troca de benefícios e agrega valores entre os envolvidos.

5.2 A relevância de uma incubadora instalada em um ambiente universitário

De acordo com os entrevistados, uma incubadora traz muitos benefícios quando instalada em um ambiente universitário, pois ela serve de ponte para o compartilhamento de saberes e tecnologias entre as empresas incubadas e entre empresas incubadas e graduandos, mestrands e doutorandos, o que nos lembra as ideias de Vedello (2010) ao afirmar que as incubadoras são organizações que buscam “lincar” empresários e universidades para o desenvolvimento de ideias inovadoras e com isso trocarem conhecimentos.

Entrevistamos pessoas de diferentes funções que fazem parte da INEAGRO, para sabermos a percepção das mesmas em relação a relevância de uma incubadora em um ambiente universitário.

(Fragmento 4) É bem importante. A incubadora é uma porta de mão dupla, primeiro porque ela forma um empresário e uma empresa que é colocada no mercado com o auxílio dos alunos e professores da universidade, ao mesmo tempo em que essas empresas, enquanto incubadas, abrem as portas para visitas, pesquisas, projetos de alunos e professores, além de estágios. [...] Quando a empresa é colocada no mercado, o dinheiro retorna para a universidade em forma de royalties. Vale ressaltar que não somente os alunos graduandos estão envolvidos em atividades da incubadora, mas também mestrands e doutorandos podem interagir com a incubadora. Como é o caso de termos doutores em pesquisas e projetos na incubadora (PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO).

O entrevistado se refere à incubadora como uma porta de mão dupla, pois ela é capaz de formar um empresário e sua empresa com o auxílio de alunos e professores, proporcionando assim, uma troca de conhecimentos entre empresas e comunidade acadêmica. Segundo Fiala (2012) essa troca é importante para ambos os lados, tanto para os empresários que terão o apoio da universidade para criarem suas empresas, quanto para os alunos que poderão fazer dessas empresas ambientes onde praticarão o aprendizado nas aulas. Além do

aprendido nas aulas, os alunos poderão adquirir experiências significativas ao terem contato com a realidade.

As universidades oferecem diversos benefícios para as empresas incubadas, desde instalações físicas até laboratórios para pesquisas. Os produtos ou serviços são desenvolvidos dentro das universidades, isso faz com que os produtos ou serviços estejam agregados ao nome da universidade, conferindo-lhes maior credibilidade no mercado. Quando a empresa chega ao status de graduada precisa pagar *royalties* pela comercialização da descoberta feita dentro da universidade, e esse dinheiro, é usado para reinvestimento na incubadora ou em projetos da incubadora.

Outro fato mencionado foi que as empresas incubadas abrem as portas para visitas de alunos e professores, além de pesquisas, projetos e estágios, o que confirma a interação já mencionada entre empresas e comunidade acadêmica. Além de professores e graduandos, os mestrands e doutorandos podem contribuir para o processo de incubação das empresas, gerando um intercâmbio ainda maior de conhecimentos.

(Fragmento 5)[...], por exemplo, tem empresa incubada que precisa de um ambiente grande, quer produzir um feijão que é uma novidade, vai enlatar o feijão, ele precisa de uma terra, precisa de um módulo de irrigação e a universidade empresta isso para ele, desde que aquele módulo além do produto servir pra ele, sirva para as aulas, porque ele vai implantar uma tecnologia nova ou um processo novo e o acadêmico precisa estar ali, é preciso abrir para visitas, para estágios, então essa estrutura é muito importante. (PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO).

Mais uma vez o entrevistado demonstra que a incubadora é um instrumento de mão dupla, onde os empresários são beneficiados pela universidade, e em troca a universidade recebe espaço para que seus alunos realizem visitas, pesquisas e estágios na incubadora, presenciando todo o funcionamento das empresas e contribuindo para o desenvolvimento delas. Kirby (2004) ressalta que a universidade oferece às empresas incubadas estrutura física, técnico-laboratorial, assessoria e cursos de capacitação, com isso as empresas permitem que os alunos desempenhem atividades, além de abrir as portas para visitas e estágios oferecendo à comunidade acadêmica um contato com organizações reais.

Foi observado que a incubadora não está à disposição apenas dos alunos bolsistas, mas também dos alunos que tenham interesse em participar da incubadora, mesmo que não sejam bolsistas. Além dos graduandos, os mestrands e doutorandos também podem participar das atividades da incubadora, além de implantar projetos.

Outro fato importantíssimo é a oportunidade que uma incubadora oferece de o aluno praticar seus conhecimentos teóricos e adquirir novos conceitos e experiências. Isso enriquece o processo de aprendizagem dos alunos e prepara-os melhor para o mercado de trabalho.

(Fragmento 6) É relevante pelo aprendizado. O aluno vai aplicar aqui dentro o que ele não vai aplicar em sala e aqui a gente tem uma liberdade muito grande, por exemplo: ah, mais eu posso fazer isso no estágio, sim, lá no estágio tá bem delimitado, só pode ir até certo ponto, e aqui não, aqui nosso trabalho é fundamental para a empresa, pois eles têm a ideia, mas nós que temos os conhecimentos específicos em cada área, aqui somos tratados como funcionários e nós temos voz aqui, podemos dar ideias e discutir as ideias, inclusive dos sócios das empresas. Estamos aqui contribuindo para que a empresa atinja seu objetivo de atingir o status de graduada e ser bem sucedida no mercado. Sem contar que o estágio só acontece no final do curso e aqui você pode começar desde cedo. (ALUNO A)

(Fragmento 7) É importante porque a universidade vai ajudar no desenvolvimento das empresas e dos produtos, nós alunos poderemos... é... vamos estar inseridos num ambiente real para praticarmos o que aprendemos na teoria, estaremos contribuindo

para o desenvolvimento das empresas. Acho que é uma forma de nós alunos aprendermos com as empresas e elas aprenderem com a gente. (ALUNO B).

A incubadora proporciona um intercâmbio de conhecimentos, que pode auxiliar os alunos em seu processo de aprendizagem e desenvolvimento de habilidades, pois a incubadora fará com que eles tenham contato com a realidade, e oportunidades de colocarem em prática o que foi visto em sala de aula. Ao contrário do estágio que é alocado no final dos cursos, o ingresso em uma incubadora pode ser feito desde os primeiros períodos da graduação, permitindo os alunos adquirirem experiências práticas desde cedo. Esse contato com a realidade desde cedo é positivo, pois o aluno conseguirá desenvolver habilidades com mais facilidade, além de poder criar uma visão crítica sobre o mercado e o ambiente empresarial.

Os alunos precisam aplicar seus conhecimentos também do lado externo das salas de aula, e não apenas terem seus conhecimentos medidos por provas escritas (ALMEIDA, LAGEMANN E SOUSA, 2006), pois isso não agrega valor para os alunos e não quer dizer, necessariamente, que o aluno se sairá bem em uma situação real.

Alguns dos entrevistados destacaram o fato dos alunos terem voz na incubadora e poderem dar ideias para as empresas, discutindo as ideias em conjunto com os sócios. Isso é muito importante para o desenvolvimento dos alunos e para que as empresas possam usufruir dos conhecimentos teóricos advindos das salas de aula.

(Fragmento 8) [...] a gente solicita que os bolsistas da incubadora interajam com a empresa júnior [...].temos bolsistas de iniciação científica, bolsista de Pibit (iniciação tecnológica) que trabalham em projetos de desenvolvimento de produtos, voltados para as empresas incubadas[...] (PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO).

A incubadora também fortalece outros programas da universidade, e não trabalha de forma isolada, pois procura se conectar com outros programas como é o caso das empresas juniores, PIBIC e PIBIT. A interação que a incubadora proporciona, também, entre esses programas aumenta as chances dos alunos participarem ativamente das atividades da universidade e representam alternativas para que os estudantes se encaixem nos programas oferecidos.

Outro fator importante é a oportunidade que as incubadoras oferecem, de os estudantes poderem desenvolver suas ideias e abrirem seus negócios, além de aguçar o gosto por empreender.

(Fragmento 9) a relevância seria a meu ver que como ela está instalada em um ambiente de universidade, dando a propiciação para os estudantes estarem tendo a sua capacidade, como nós tivemos, de tá desenvolvendo tuas ideias em um âmbito empresarial, que de outra forma seria mais difícil, porque você vai sair daqui descapitalizado, você sai sem essa visão. A incubadora dá esse aporte pra essa possibilidade dos estudantes tarem chegando ao ramo empresarial mais facilmente. (SÓCIO A).

Como já foi falado, a universidade oferece facilidades para que os empresários desenvolvam seus produtos ou serviços, e os próprios alunos podem conquistar vagas em uma incubadora como empresários. Nas incubadoras os alunos têm a oportunidade de concretizarem suas ideias, fazendo com que elas saiam dos papéis e levem benefício à sociedade.

Embora muitos alunos tenham o gosto e a vontade de empreender, muitos nem sabem que possuem essa característica. E as incubadoras ajudam no desenvolvimento do lado empreendedor do aluno, fazendo com que eles descubram que possuem essa característica e logo a desenvolvam no decorrer das atividades exercidas na incubadora.

Outra vantagem de uma incubadora instalada em um ambiente universitário é o valor que é agregado aos produtos ou serviços desenvolvidos pelas empresas incubadas dentro da universidade, recebendo o apoio não somente da universidade, como também do SEBRAE que é um dos maiores apoiadores dessa iniciativa.

(Fragmento 10) Primeiro, é você ter o respaldo de uma instituição federal na sua empresa, porque quando você entra na incubadora você vai ter o respaldo da Universidade Federal do Piauí, vai ter o respaldo da EMBRAPA e de outros órgãos como o SEBRAE que estão ligados à incubadora, aí você tem esse respaldo para a sua empresa que já dá um diferencial e ser uma empresa incubada lhe dá também outros privilégios que são em alguns outros casos, mas o principal seria esse: o respaldo. (SÓCIO C).

Ter um produto ou serviço desenvolvido dentro de uma incubadora na universidade, com o apoio de conceituadas instituições, agrega valores à empresa e credibilidade no mercado. O respaldo de nomes de instituições como UFPI, SEBRAE e EMBRAPA agregado ao produto ou serviço de uma empresa faz com que muitas portas do mercado se abram para a empresa.

É vantajoso para a empresa que terá valor agregado aos produtos, para as instituições anteriormente citadas que terão seus nomes ainda mais valorizados, e será vantajoso também para os alunos que tiveram a oportunidade de fazer parte da incubação dessas empresas, pois tiveram chances de aprender com elas.

A função da universidade é colocar profissionais qualificados no mercado, preparando bem os seus alunos, para isso, há alternativas que aprimoram o ensino.

(Fragmento 11) [...] e a função da Universidade, é abrir o mercado e “jogar os alunos no abismo”, digamos assim, para eles aprenderem a “voar” para o mercado, evidentemente que a gente que dar “asas” a eles. Então, essas iniciativas precisam ser sistêmicas na universidade, tem que ser amplas, para que todo estudante possa passar por esse mecanismo sem necessariamente pensar que tá fazendo uma disciplina, que ali é apenas um estágio, que ali não vai contribuir para a vida dele, ele tem que sentir o gosto do mercado, sentir o gosto, que sabor tem o cliente. Tem que sentir o gosto! (PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO).

A universidade, segundo o pró-reitor, tem como função preparar os estudantes para o mercado de trabalho, implantando mecanismos que façam os alunos ter contato com a realidade, assumindo responsabilidades e deveres em organizações reais, antes mesmo de saírem da universidade, além de se prepararem para desenvolver suas ideias e abrirem seus negócios, tornando-se empreendedores apoiados pela universidade. O entrevistado ressaltou que o aluno precisa sentir o gosto do mercado e do cliente. Para o entrevistado, os mecanismos referidos precisam ser sistêmicos na universidade para que assim abranja todos os cursos, pois as empresas representam importantes mecanismos de aprendizagem.

(Fragmento 12) [...] Então veja o valor disso, o estudante que vive nesse ambiente da incubadora, podendo ter contato com empresas em desenvolvimento e até mesmo sendo o sócio de alguma das empresas ele é um cara muito mais amadurecido profissionalmente, ele é precocemente amadurecido. É isso que a gente quer, que o estudante saia e vá gerar emprego e renda e desenvolvimento para o Brasil [...] (PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO).

O estudante que tem a oportunidade de estar em contato com empresas em desenvolvimento e até mesmo de abrirem o seu próprio negócio e desenvolver suas ideias nas incubadoras é muito mais amadurecido profissionalmente. O que a universidade pretende é isso, apoiar as ideias e com isso, ao sair para o mercado com sua empresa lançada o aluno vá

gerar emprego e renda, além de ter concretizado sua ideia. Para (NICOLINI, 2003, p.50) os graduandos devem “ser incentivados a romper paradigmas, a criar e ousar” deixando de ser ensinados para darem respostas prontas e irem atrás de outras.

(Fragmento 13) [...] Então pra mim, no meu entendimento, teria que ser um exercício para todos os estudantes, experimentar, passar por essa iniciativa empreendedora (PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO).

O incentivo para que os alunos desenvolvam suas ideias e façam parte das atividades da incubadora teria que ser um exercício para todos os estudantes. De todos os cursos. Embora a importância de uma incubadora em um ambiente universitário seja algo bem difundida entre os integrantes da INEAGRO, a mesma não é bem difundida na universidade entre os alunos.

(Fragmento 14) A partir de um professor, ele me informou sobre a INEAGRO, certo! Falou sobre os trabalhos que a INEAGRO, que a gente... que a INEAGRO tinha como objetivo, certo! Então a partir daí! (ALUNO B).

(Fragmento 15) Na verdade eu não conhecia, nunca tinha ouvido falar. Um amigo meu que cursava computação, arrumou através de outra pessoa que era aqui de dentro. (ALUNO E).

Os entrevistados relataram, com algumas exceções, que souberam das atividades da INEAGRO, através de outras pessoas que já haviam feito parte da incubadora ou por professores, o que mostra uma falta de divulgação da incubadora entre os alunos da universidade.

5.3 A contribuição da INEAGRO para o aprendizado e os valores agregados pelos alunos na incubadora

Como foi analisado no tópico 5.2 as incubadoras representam um importante instrumento dentro de uma universidade, pois dentre os motivos que torna esse instrumento relevante, está o fato de ser um ambiente onde o aluno pode ir além do que é feito em sala de aula, podendo adquirir conhecimento empírico. Essa ferramenta ao permitir o aluno vivenciar a realidade do mercado contribui para o seu aprendizado.

(Fragmento 16) É uma oportunidade em que o aluno aqui dentro que tem teoria levar essa teoria e aplicar ela na prática, aplicar a campo, né isso? Foi isso que me chamou atenção na INEAGRO (ALUNO A).

(Fragmento 17) Eu vi a INEAGRO como uma forma de aplicar o que eu tenho como teoria, certo? Na vida! Na prática! Cê tá entendendo? E muitas vezes o que a gente tem em teoria, foge um pouquinho da prática, e isso serve até para a gente nos alinhar, serve de crescer profissionalmente em cima daquilo. E isso foi o que eu vi na INEAGRO, tá me proporcionando um crescimento profissional muito grande. (ALUNO D).

A INEAGRO oferece aos alunos a oportunidade de praticarem o que foi aprendido em sala, permitindo-os terem contato com empresas reais, se depararem com problemas da realidade e assim procurarem soluções com base nas teorias e com a experiência adquirida com a vivência no ambiente das organizações. Isso faz com que os alunos amadureçam profissionalmente e adquiram ou desenvolvam habilidades exigidas pelo mercado.

No fragmento 17 o aluno ressalta que, as vezes, a prática foge da teoria, o que mostra ainda mais a importância do aluno poder ter contato com a realidade, pois ele terá a chance de

aprender com essas diferenças adquirindo uma visão própria sobre determinado conceito ou problema. O exercício da prática é bom para que o aluno desenvolva uma visão crítica das coisas, inclusive das teorias. Segundo Nicolini (2003) a universidade precisa formular e apresentar propostas de ensino que buscam desenvolver uma consciência crítica nos alunos. Desta forma o estudante torna-se um sujeito ativo no processo de aprendizagem, sendo instigado a sair da submissão e da passividade.

No entanto, para poder fazer parte da incubadora o aluno precisa ter um rendimento mínimo e dedicar de 12 a 20 horas semanais, adequando esse tempo ao horário do seu curso. Antes de ingressar na INEAGRO, o aluno passa por um processo de seleção, onde são confirmados os requisitos citados acima. De acordo com o pró-reitor de extensão da universidade, cada aluno ingressado na incubadora possui um plano de trabalho que deve ser respeitado.

(Fragmento 18) [...] ele tem que ter no mínimo duas reprovações pra fazer parte desse programa, aí tem toda a questão ética, ele tem um plano de trabalho, o mais importante é o plano de trabalho que é a parte que o aluno vai fazer lá dentro de acordo com a sua base acadêmica. Eu não posso pegar um aluno do 5º período de administração e fazer um projeto que é de um formando. Nem ele vai conseguir e nem vai ter ganho com isso. Então se respeita muito, por isso quando o plano de trabalho vem a primeira coisa que se vê é o período que ele faz[...]. Muitas vezes o aluno o orientador quer que ele faça coisas que não cabe a condição acadêmica dele, então o aluno não vai ter ganho. E é assim, ele não pode também fazer outras coisas que não for da competência acadêmica dele [...]. (PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO).

A INEAGRO permite os alunos exercerem atividades compatíveis com seus cursos de graduação, onde cada um tem sua função. O plano de trabalho respeita tanto o curso quanto o período que o aluno está cursando, não sendo exigido algo que não seja da competência acadêmica dele. Isso faz com que os alunos tenham ganhos, pois realmente só será exigido o que foi visto em sala.

Podemos perceber, com base no argumento do pró-reitor, que ao contrário do estágio supervisionado (maneira como ele é explorado hoje), uma incubadora é capaz de oferecer maiores oportunidades de aprendizagem para o aluno, pois permite maiores chances do aluno desempenhar funções que vão ser úteis para o seu desenvolvimento profissional e conhecer a estrutura completa de uma empresa, além de fazer parte das decisões e não ser posto pra exercer funções adversas ao seu curso e é desafiado a encontrar soluções para os problemas da empresa. Notamos uma maior liberdade oferecida aos alunos.

Os alunos, quando precisam, podem pedir auxílio aos seus professores para desempenhar melhor suas atividades ou quando sentem alguma dificuldade e precisam tirar dúvidas. Isso demonstra um maior intercâmbio de conhecimentos.

(Fragmento 19) [...] nós bolsistas, nós participamos das decisões da INEAGRO, certo? Todas as decisões são tomadas com todos, incluindo os bolsistas e a direção, certo? No nosso caso nós temos o responsável pela nossa empresa incubada, certo? Ele dá ideia e nós discutimos, assim também como nós também damos as nossas ideias e são postas em discussões, certo? E não tem aquele negócio de dizer que fulano é mais importante que cicrano não, as ideias são discutidas igualmente, ouvindo todos. Há uma relação de troca onde eu preciso da prática que a empresa pode me proporcionar e a empresa precisa da teoria que eu trago das aulas e livros. (Aluno A).

(Fragmento 20) [...] os alunos acabam participando das atividades da empresa como um todo e as ideias que eles nos apresentam são sempre muito boas. Eles também nos ajudam nas decisões, nas discussões das nossas ideias, na parte operacional,

técnica. Há uma troca de conhecimentos bem bacana e o nível do trabalho deles é bem satisfatório. Eles se dedicam mesmo [...]. (ALUNO C).

Os alunos trabalham auxiliando os empresários das empresas. Eles participam de todas as atividades das empresas incubadas, desde a elaboração do plano de negócios e elaboração de projetos até o posicionamento das empresas no mercado, participando de todas as etapas desse processo. Porém, cada aluno em sua área, respeitando o plano de trabalho. Todos da incubadora se respeitam e se tratam de maneira equitativa, pois possuem a consciência de que todos que ali estão são essenciais para que o processo de incubação dê certo, e estão na incubadora com intenção de juntar a teoria com a prática atingirem os objetivos de cada um e de todos.

Vale ressaltar que futuramente esses alunos podem ser contratados pelas empresas que fazem parte da incubadora, o que aumenta ainda mais as chances do aluno ser inserido no mercado de trabalho.

Notamos que os alunos se dedicam muito nas atividades da incubadora, que eles se interessam em exercer bem as suas atividades, pois almejam adquirir cada vez mais a confiança da INEAGRO e das empresas incubadas. Percebemos que, realmente eles buscam aprender situações na incubadora que possam levar para a sala de aula e para a vida, assim como eles levam as teorias para a incubadora.

O fato de ser dada uma liberdade para os alunos na incubadora e por ser depositado um maior grau de confiança e responsabilidade na hora das atividades faz com que eles busquem aprender ainda mais na sala de aula, para que possam contribuir ainda mais na incubadora e conquistar a admiração e maior confiança dos sócios das empresas e também para poderem fazer dessa oportunidade, uma grande experiência.

(Fragmento 21) Eu, por exemplo, eu tô tendo contato com empresas que eu não vou ter tão cedo, eu não tô nem na metade do meu curso, eu sou do terceiro período, mas como você podem ver eu já estou aqui presenciando e fazendo parte do dia a dia dessas empresas. Então é muito bom, eu posso aprender ainda mais. (ALUNO B).

(Fragmento 22) Eu acho que não somente a oportunidade de aprender, mas de contribuir pra que alguma pessoa também possa desenvolver o que ela quer, nós temos ideias e espaço para aplica-las aqui dentro. Ao mesmo tempo em que aprendemos, contribuímos. (ALUNO B).

O aluno desde cedo, pode ter contato com empresas que só teriam ao sair do curso, isso também é muito importante, pois ao mesmo tempo em que podem aprender com o dia a dia das empresas, podem contribuir com elas. O trabalho em uma incubadora pode, também, ser uma boa maneira de o aluno enriquecer sua rede de contatos e descobrir o seu lado empreendedor.

Os alunos, enquanto acadêmicos, permanecem nas atividades da incubadora por no máximo 10 meses, e durante esses meses, é possível que sejam agregados valores que os alunos levaram por toda sua vida profissional.

(Fragmento 23) Aprendemos a lidar com as pessoas, a ter mais responsabilidade, pois nos é dado muitas responsabilidades aqui e temos que honrar a confiança, a gente aprende a conversar, compartilhar as ideias, principalmente ideias e eles são muito abertos, eles querem incluir todo mundo, aqui todo mundo é incluso, ninguém é presidente, não tem essa separação, tem o cargo de cada um, mas na hora das ideias, de ajudar as empresas, todo mundo tem voz, todo mundo tem vez. Acho que é isso, dá um aprendizado maior pra gente, não tem diferença. (ALUNO C).

(Fragmento 24) Os alunos saem daqui com uma visão mais apurada, em relação ao mercado, do que quando entraram na incubadora. Eles saem daqui com uma visão mais crítica diante das coisas, menos passivos e mais ativos, com responsabilidades lapidadas, pois aqui eles não entraram pra brincar ou fazer um trabalho que tanto faz se der certo ou não, aqui foi delegado funções a cada um, foi dado responsabilidades e eles buscam sempre entregar o melhor deles, por isso que eles sairão mais preparados para o mercado, pois puderam vivenciar como funciona. (SÓCIO B).

Além da experiência adquirida pelos alunos, em uma incubadora podem ser desenvolvidas várias habilidade como responsabilidade, destreza diante de situações desafiantes, visão crítica, como lidar com pessoas, poder de argumentação, compartilhamento de ideias, visão empreendedora, dentre outras. Estas habilidades são fundamentais para que os estudantes tenham sucesso no mercado de trabalho, pois são características essenciais demandadas pelo mundo organizacional e são fundamentais para o aprendizado, assim sendo, o aluno terá o seu processo de aprendizado aprimorado.

Os alunos saem da incubadora com uma visão mais amadurecida, com habilidades desenvolvidas e melhoradas, com a rede de relacionamentos mais enriquecida, com experiências adquiridas que proporcionarão um maior aprendizado. E tudo isso constitui valores agregados, pois eles saem mais confiantes e preparados para o mundo.

A incubadora é um ambiente enriquecedor para os alunos, como já foi discutido anteriormente, além de ajudar no preparo dos alunos e no desenvolvimento de habilidade, ela também oferece um ambiente propício para o aprendizado e todo o apoio para os alunos estarem aplicando suas ideias e almejando contribuir com a consolidação das empresas incubadas ou em abrir suas próprias empresas. Então podemos notar, o quão importante é uma incubadora como instrumento do exercício prático e como laboratório de trocas de conhecimentos.

Porém um fato que não pode deixar de ser analisado é a presença de alunos na incubadora com interesse voltado mais pela parte financeira, visto que a universidade paga uma bolsa de R\$400,00 (quatrocentos reais) para os bolsistas que fazem parte da INEAGRO.

(Fragmento 25) [...] eu também não tinha nenhum estágio e me interessei mais por causa do dinheiro, uma ajuda a mais pra mim dentro do curso e também não tinha como arrumar um emprego no momento, porque se eu arrumar um emprego eu tinha que deixar algumas matérias, pagar a metade e a outra metade do tempo ir trabalhar, aí eu resolvi vim, porque aqui ele me facilitou muito, ele disse que poderia ser de acordo com os meus horários, não tinha problemas, só tinha que cumprir o horário e podia ser de acordo com eles, não tinha... tinha que ser de manhã, tinha que ser de tarde, não especificou nada, e a quantia é boa pra um estudante, sem contar que o tempo vai ser flexível, mas o aprendizado me motivou muito também, eu sabia que ia aprender muito aqui, mas eu não esperava que fosse tanto, talvez se eu soubesse, o dinheiro tivesse sido secundário. (ALUNO C).

Diante disto, é importante ressaltar que apenas um dos alunos entrevistados falou que o que motivou sua entrada na INEAGRO foi o valor da bolsa, o que demonstra que a maioria está na incubadora pelo aprendizado, ocorrendo casos em que as pessoas necessitem da bolsa, o que não significa dizer que o entrevistado acima não esteja interessado no aprendizado.

Todos os entrevistados demonstraram a consciência do valor de uma incubadora para a troca de conhecimentos e o processo de aprendizagem, independente do valor recebido, os alunos que estão na INEAGRO participam das atividades das empresas e agregam valor. E isso é o mais importante, pois é dentro da incubadora onde o aluno percebe sua total importância.

Durante o período de observação, para que o ambiente da incubadora fosse melhor entendido, percebemos uma interação muito grande entre os alunos e empresários, onde todos

são tratados com respeito e sem impor nada um ao outro. Percebemos também que cada um tem sua função de acordo com sua área de formação, não podendo o outro interferir, mas dar auxílio quando o outro precisa, pois são delegadas responsabilidades, o que mostra que o plano de trabalho realmente é levado a sério. Contudo, as ideias são discutidas entre todos os participantes, onde todos podem opinar.

Foi observado, inclusive nos relatos dos alunos, que a incubadora é acolhedora de alunos de todos os cursos, é intensa de receber alunos de cursos distintos. Porém, é mais divulgada nos cursos ligados ao agronegócio. Os alunos dos cursos voltados para outras áreas são informados sobre a INEAGRO por ex-participantes ou professores, não havendo uma divulgação homogênea.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar as incubadoras de empresas como instrumento de aprendizagem prática, além de destacar sua importância para o processo de ensino dos alunos. O estudo mostrou como trabalhos e visitas às incubadoras podem servir como instrumento de aprendizagem nas universidades (aproximando o aluno da realidade), além de encorajamento do empreendedorismo (uma vez que elas facilitam a abertura do negócio). Isso reforça a afirmação de que a incubadora pode, sim, ser utilizada como ambiente de aprendizagem.

A partir de uma reflexão sobre a relevância das incubadoras de empresas no ambiente universitário e para o processo de aprendizagem dos alunos, concluiu-se que as incubadoras representam um importante instrumento de apoio para o ensino universitário. Este instrumento permite ao aluno vivenciar a realidade do mercado e pôr em prática o visto em sala de aula, bem como construir uma visão crítica das teorias na hora de praticá-las.

Ao contrário do estágio supervisionado, onde o mesmo representa, em caráter suplementar, uma prática de ensino colocada no final dos cursos, separando a teoria e a prática em dois momentos distantes, as incubadoras surgem como forma de aliar essas duas vertentes, visto que os alunos podem ingressar nas incubadoras ainda nos primeiros anos da graduação e participar das atividades das empresas incubadas com a mesma responsabilidade e respeito de um funcionário.

Essa vivência prática permite ao aluno ter uma visão geral do mercado e ajuda-o a desenvolver habilidades que são imprescindíveis no mundo corporativo, habilidades estas que só serão aperfeiçoadas praticando. Em uma incubadora de empresas o aluno poderá acompanhar o processo de evolução de uma empresa desde a sua formação até o seu completo lançamento no mercado. Durante o período de incubação das empresas os alunos poderão trabalhar dando ideias para as empresas incubadas, assessorando-as, executando tarefas e exercendo funções específicas, além de participar de todas as etapas da empresa, sendo visto e respeitado como parte importante para o sucesso da organização.

Notou-se que embora a importância em um ambiente universitário seja algo notório entre os entrevistados, ainda é pouco divulgada entre os alunos, merecendo, assim, uma maior disseminação. É importante destacar que a maioria dos alunos se interessa em participar da incubadora pela oportunidade de adquirirem experiência e poderem colocar em prática o seu embasamento teórico. No entanto, uma pequena parcela mostra um maior interesse pela quantia recebida pela bolsa, por questões de necessidade financeira.

Um fato bastante relevante é a questão da maioria dos sócios das empresas incubadas e graduadas na INEAGRO ser constituída por alunos ou ex-alunos da UFPI, o que confirma que as incubadoras também representam oportunidade de desenvolvimentos de projetos, concretização de ideias e formalização de empresas dos próprios alunos da universidade. É a oportunidade de o aluno, além de pôr em prática o seu conhecimento teórico, abrir o seu

próprio negócio. Desse modo, acreditamos que a incubadora seja uma ferramenta eficiente para enriquecer o ensino universitário e o aprendizado dos alunos, mas que essa ideia precisa ser melhor disseminada entre a comunidade acadêmica para que consiga otimizar os objetivos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, D.R.; LAGEMANN, L.; SOUSA, S.V.A. A importância do estágio supervisionado para a formação do administrador. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DA PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO-ENANPAD, 30, 2006, Salvador, **Anais...** Salvador, ANPAD, 2006.
- ANPROTEC - Agência Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores. Panorama 2006. Disponível em <http://anprotec.org.br/ArquivosDin/Graficos_Evolucao_2006_Locus_pdf_59.pdf>. Acesso em: 03 de jul. 2014.
- ANPROTEC - Agência Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores. **Conceito de incubadoras de empresas**. Disponível em: <<http://anprotec.org.br/site/pt/incubadoras-e-parques/>>. Acesso em: 03 de jul. 2014.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 5. ed. Portugal: Edições 70, 2010.
- BIAGIO, L. A. Incubadoras de empreendimentos orientados para o desenvolvimento local e setorial: planejamento e gestão. Brasília: ANPROTEC – SEBRAE, 2006.
- BONO, E. de. **Criatividade como recurso**. Revista HSM Management. Sao Paulo, p.66-73, mar./abr.2000.
- BORBA, G.; SILVEIRA, T.; FAGGION, G. Praticando o que ensinamos: inovação na oferta do curso de graduação em administração – gestão para inovação e liderança da UNISINOS. **Organizações & Sociedade**, v. 12, n. 35, p. 165-181, Out/Dez. 2005.
- CLOSS, L. Q., ARAMBURU, J. V., ANTUNES, E. D. D. Produção científica sobre o ensino em administração: uma avaliação envolvendo o enfoque do paradigma da complexidade. **Revista Eletrônica de Gestão Organizacional**, v. 7, n. 2, p. 150-169, mai/ago. 2009.
- COTO, G. C.; NETO, L. M.; PACHECO, A. S. Criatividade dentro da Educação: um estudo de caso do Curso de Administração da UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina. **Revista de Ciências da Administração**, v. 11, n. 24, p. 221-245, mai/ago. 2009.
- ETZKOWITZ, H. **The Triple Helix of University-Industry-Government: Implications for Policy and Evaluation**. Working paper. In: Science Policy, Stockholm: Sister. 2002. Disponível em: <http://www.sister.nu/pdf/wp_11.pdf> Acesso em: 30 jul. 2014.
- FEITOSA, M.G.G.; FRANCO, A.P. Da sala de aula de aula ao mundo empresarial: compreendendo a aprendizagem dos consultores juniores em suas relações com o sistema-cliente. In: ENCONTRO DA ENANPAD, 30, 2006, Salvador, **Anais...** Salvador, ANPAD, 2006.

FERREIRA, P. G. G.; MATTOS, P. L. C. L. Empreendedorismo e Práticas Didáticas nos Cursos de Graduação em Administração: os Estudantes Levantam o Problema. In: ENCONTRO DA ANPAD, 27., 2003, Atibaia. **Anais...** Atibaia: ANPAD, 2003.

FIALA, N. **As Incubadoras como Ambientes de Aprendizagem do Empreendedorismo**. 2012. 125 f. Dissertação (Mestrado em Administração) Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2012

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 36ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007. 148 p.

GRAMIGNA, M. R. M. **Jogos de empresa e técnicas vivenciais**. São Paulo: Pearson Hall, 2007.

HUNGER, D.; LEPRE, R. M. **Da necessária relação entre teoria e prática na formação acadêmica**. Disponível em: <<http://www.unesp.br/porta1#!/debate-academico/da-necessaria-relacao-entre-teoria-e-pratica-na-formacao-academica/>>. Acesso em: 25 de mai. 2014.

KIRBY, D. A. Entrepreneurship Education and Incubators: Pre-incubators, Incubators and Science Parks as Enterprise Laboratories. In: INTERNATIONALIZING ENTREPRENEURSHIP EDUCATION AND TRAINING CONFERENCE, n. 14, jul. 2004, Itália. **Anais...** Itália: University of Napoli Frederico II, IntEnt, 2004.

KLEIN, Ana Maria; SOUSA, Leonardo Lemos. **Aprendizagem Baseada em Problemas: Uma via para a articulação entre teoria e prática**. 2011 – disponível em: <http://edutec.unesp.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1465:uma-via-para-a-articulacao-entre-teoria-e-pratica&catid=78&Itemid=295&lang=pt_br> acesso em: 12 de jul. 2014.

KOLB, D. A. A Gestão e o Processo de Aprendizagem. In: STARKEY, K (Org). **Como as organizações aprendem**: relatos do sucesso das grandes empresas. São Paulo: Futura, 1997,

KOLB, D. A.; McINTYRE, J. A.; RUBIN, I. M. **Psicologia organizacional**: uma abordagem vivencial. São Paulo: Atlas, 1978.

LAVIERI, C. Educação...empreendedora? In: LOPES, R. M (Org). **Educação Empreendedora**. Rio de Janeiro: Elsevier-Campus, 2010.

LICHTENSTEIN, G.A.; LYONS, T. S. **Incubating New Enterprises**: A guide to successful practice. Washington: The Aspen Institute, 1996.

LOMBARDI, M. F. S.; NODARI, L. D. T. Competências adquiridas no Curso de Graduação em Administração de Empresas sob a ótica dos alunos formados. **Revista de Administração, contabilidade e economia**, v. 7, n. 2, p. 117-130, Jul/Dez. 2008.

LOPES, R. M. Referenciais para a Educação Empreendedora. In: LOPES, R. M (Org). **Educação Empreendedora**. Rio de Janeiro: Elsevier-Campus, 2010.

MARCELINO, G. F. A falsa dicotomia entre teoria e prática. **Revista de Administração da Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 79-84, 1982.

MARTINS, G. A.; THEÓPHILO, C. R. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. São Paulo: Atlas, 2007.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2001.

NICOLINI, A. Qual será o futuro das fábricas de administradores? **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 43, n. 2, p. 44-54, abr./jun., 2003.

SANTOS, S.C. Aspectos epistemológicos do dilema teoria-prática no ensino de administração de empresas. In: ENCONTRO DA ENANPAD, 28, 2004, Curitiba, **Anais...** Curitiba, ANPAD, 2004.

SEBRAE (Bahia). **Conheça as incubadoras de empresas**. Disponível em: <http://gestaoportal.sebrae.com.br/uf/bahia/produtos-e-servicos/inovacao-e-tecnologia/copy_of_incubadora-de-empresas/635-incubadora-de-empresas/BIA_635>. Acesso em: 23 jan. 2014.

SERAFIM, M. C. **A falsa dicotomia teoria-prática**. 2011. Disponível em: <<http://mauricioserafim.com.br/a-falsa-dicotomia-teoria-prtica/>> - ACESSADO EM 28 de jun, 2014.

SILVA, J. C. S.; DAVEL, E. Concepções, Práticas e Desafios na Formação do Professor: Examinando o Caso do Ensino Superior de Administração no Brasil; **Organizações & Sociedade**, v. 12, n. 35, p. 113 – 134, out./dez. 2005.

VEDOVELLO, C.; FIGUEIREDO, P. Incubadora de Inovação: que nova espécie é essa? **RAE-eletrônica**, São Paulo, v. 4, n. 1, jan/jul 2005.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 3. ed. São Paulo Atlas, 2000.

APÊNDICE

APÊNDICE A - Roteiro de entrevista com fundador da ineagro

1. Relate um pouco sobre a história da INEAGRO (em que ano foi fundada, quais os motivos que levaram ao seu surgimento e o tipo).
2. Quem são os integrantes da INEAGRO?
3. A INEAGRO é direcionada para alunos de algum curso específico? Quais os cursos atualmente beneficiados pela INEAGRO?
4. Quais os critérios para os alunos participarem das atividades da incubadora? Como ocorre o processo de seleção?
5. Quanto tempo pode durar a permanência do aluno na incubadora?
6. Os alunos se mostram interessados em participar da incubadora? Como a INEAGRO incentiva os alunos a participarem da incubadora?
7. Quais os incentivos oferecidos pela universidade para que os alunos tenham interesse em participar da incubadora?
8. Há quantos alunos participando atualmente da incubadora? Por que esse número?
9. A INEAGRO tem capacidade para incubar quantas empresas?
10. Qual a relevância de uma incubadora instalada em um ambiente universitário?
11. De que forma uma incubadora pode contribuir para o processo de aprendizagem dos alunos?
12. Ao todo quantos alunos já participaram da INEAGRO?
13. Qual o período mínimo e máximo de permanência de uma empresa na Incubadora?
14. Quantas empresas já foram incubadas na INEAGRO desde a sua criação?
15. Qual o grau de instrução do pessoal da administração da INEAGRO?
16. Qual a capacidade atual de incubação?
17. As empresas precisam pagar alguma taxa durante o período de incubação?
18. Quais são os serviços/infraestrutura oferecidos às empresas incubadas?
19. Quais os critérios para seleção dos empreendimentos?

APÊNDICE B - Roteiro de entrevista para alunos bolsistas

1. Curso do aluno
2. Período que está cursando
3. Há quanto tempo você está na INEAGRO?
4. Como você tomou conhecimento sobre a INEAGRO?
5. O que motivou você a participar da INEAGRO?
6. Quais as atividades que estão sendo desenvolvidas/equipe específica/quem participa?
7. De que forma sua participação na INEAGRO influencia no seu processo de ensino na universidade?
8. Quais atividades você exerce dentro da incubadora? (se atua em todas as empresas incubadas ou somente em uma).
9. Qual a relevância de uma incubadora instalada em um ambiente universitário?
10. De que forma uma incubadora pode contribuir para o processo de aprendizagem dos alunos
11. Que vantagens a participação em uma incubadora traz para o aluno?
12. Quais alunos estão aptos a participarem das atividades da incubadora?
13. Você é de acordo com os critérios usados para o processo de seleção? Por quê?
14. Como você avalia a sua participação no processo de incubação?
15. Você acredita que a incubadora de empresas seja uma ferramenta eficiente para aliar teoria da sala de aula à prática? Como?
16. Quanto tempo pode durar a permanência do aluno (bolsista) na incubadora?
17. Os alunos se mostram interessados em participar da incubadora? Como a INEAGRO incentiva os alunos a participarem da incubadora?
18. Quais os incentivos oferecidos pela Universidade para que os alunos tenham interesse em participar da incubadora?

APÊNDICE C - Roteiro de entrevista para empresas incubadas

1. Nome da empresa e ramo de atividade
2. Quais os motivos que levaram a empresa a buscar uma incubadora?
3. Quais as vantagens de estar incubada?
4. Quais as atividades que estão sendo desenvolvidas/equipe específica / quem participa?
5. Como a sua empresa, na condição de empresa incubada, pode contribuir para o processo de aprendizagem dos alunos?
6. Como ocorre o processo de incubação e como são feitas as atividades?
7. Há a participação dos alunos em todas as atividades? De que forma os alunos atuam nas incubadoras?
8. Relate sobre a contribuição dos alunos para as empresas incubadas.
9. A INEAGRO determina metas ou condições para as empresas poderem se manter incubadas? Se sim quais são?
10. Qual a relevância de uma incubadora instalada em um ambiente universitário?
11. De que forma uma incubadora pode contribuir para o processo de aprendizagem dos alunos?
12. Os alunos precisam estar todos os dias na INEAGRO ou quando solicitados?
13. Há ajuda de custo para esses alunos?
14. Cite e relate sobre os pontos fortes e fracos em se ter acadêmicos no processo de incubação.
15. Qual o período mínimo e máximo de permanência de uma empresa na incubadora?
16. As empresas precisam pagar alguma taxa durante o período de incubação?
17. Quais são os serviços/infraestrutura oferecidos às empresas incubadas?

APÊNDICE D - Roteiro de entrevista para empresas graduadas

1. Nome da empresa /ramo de atividade:
2. O que levou você a participar de um processo de incubação de empresas?
3. Por quanto tempo sua empresa ficou incubada?
4. Houve a participação de alunos durante o período de incubação da sua empresa? De que forma?
5. Como você avalia o processo de incubação? Quais as principais contribuições?
6. De que forma os alunos contribuíram para a graduação da sua empresa? (como você avalia o trabalho executado por alunos da UFPI para o bom desempenho da sua empresa? Houve pontos negativos? Quais?).
7. Quantos alunos exerceram atividades na sua empresa no período de incubação?
8. Qual a relevância de uma incubadora instalada em um ambiente universitário?
9. De que forma uma incubadora pode contribuir para o processo de aprendizagem dos alunos?
10. Você acredita que a parceria entre empresas e estudantes seja eficaz para ambas as partes? Por quê?
11. Existem programas de preparação para a graduação?

ANEXO

Imagem 1: Corredor de acesso aos escritórios.



Imagem 2: Banner INEAGRO.



Imagem 3: Escritório da INEAGRO.



Imagem 4: Escritório da INEAGRO.



Imagem 5: Empresa Incubada (BABCOALL).



Imagem 6: Produtos BABCOALL.



Imagem 7: Empresa incubada (CULTIVAGRO).



Imagem 8: Espaço para plantio de produtos para análises





TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
() Monografia
(X) Artigo

Eu, FÁBIO DE SOUSA SEVERIANO E SAMARIA SOUSA LUZ, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação INCUBADORIAS DE EMPRESAS COMO INSTRUMENTOS DE APRENDIZAGEM PRÁTICA: UM ESTUDO SOBRE A INEAGRO. de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 13 de agosto de 2014.

Fábio de Sousa Severiano
Assinatura

Samaria Sousa Luz
Assinatura